

# A estetização da burocracia em Huysmans e sua relação com Kafka

ANDRÉ PASCOAL DA SILVA

DOCTOR EM FILOSOFIA E TEORIA GERAL DO DIREITO NA FADUSP

DOCTORANDO EM ESTÉTICA NA FFLCH-USP

## Introdução

Quais semelhanças podem ser traçadas em escritores tão distintos como Joris-Karl Huysmans e Franz Kafka? Kafka, por muitos considerado um dos maiores romancistas do século XX, escritor tcheco que escrevia alemão, famoso por seus textos fragmentados, atmosferas soturnas, enredo aterrador, escrita cifrada, quase apoteótica. Huysmans, o dândi decadentista que frequentou diversos estilos, crítico de arte que, ao fim da vida, converteu-se ao oblato. O escritor francês, assim como o escritor tcheco, levava uma vida dual entre o mundo literário e o mundo burocrático.

Mas, se a burocracia influenciou nitidamente a obra de Franz Kafka, no que diz respeito às visões estéticas das leis e do direito, ela exerceu uma intromissão um pouco mais discreta na obra de Huysmans. Afora certas expressões extraídas do vocabulário escriturário, ironicamente empregadas em suas críticas de arte, podemos citar a pequena novela *La retraite de Monsieur Bougran* como a única manifestação artística cujo objeto refere-se explicitamente ao tema da vida burocrática.

Nessa obra, pretendemos analisar as visões estéticas da burocracia, principalmente no que se refere à questão da linguagem, da influência de Schopenhauer

em relação à aparência *versus* essência, mas sobretudo, ao conteúdo estético que pode ser extraído de sua análise. Para isso, é necessário mobilizar conceitos como o da própria educação estética do homem e, principalmente, de heterotopia (ainda que cometamos um anacronismo).

Com isso, será possível cotizar o conteúdo estético de *La retraîte...* com o espectro burocrático inserido na obra de Kafka, naquilo que se pode considerar como uma literatura menor, conforme proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

### ***Arte versus burocracia: insuficiência moral***

O herói da novela é funcionário do Ministério da Justiça. Nada se sabe sobre sua figura, nem ao certo a sua função na engrenagem estatal. Presume-se que se trata de um posto secundário, uma vez que, ao completar cinquenta anos, apenas sob a justificativa de “insuficiência moral”, a contragosto, é aposentado compulsoriamente.

Ora, quem não gostaria de ser dispensado de um cargo público secundário, aos 50 anos de idade, desde que preservados seus direitos, seus vencimentos e sua seguridade social? Mas não é isso que se passa com M. Bougran. Incapaz de traçar planos para sua prematura retirada dos quadros burocráticos, incapaz de preencher seu tempo livre com outros afazeres ou diversões, ou simplesmente, incapaz de empreender, ele passa a dedicar suas energias para a criação de uma nova irrealdade, para que o mundo volte a ter sentido: para isso, ele pretende recriar a atmosfera de seu antigo escritório, estabelecer as mesmas tarefas – ainda que fictícias e inúteis – inclusive, com o aluguel de uma sala e a contratação de um subalterno para a realização ilusória das antigas obrigações. “Ele inventa para si os problemas administrativos”.<sup>1</sup> Mas sua fantasia estéril não é suficiente a preencher sua interioridade, levando-o à morte por apoplexia.

Em primeiro lugar, causa curiosidade o próprio nome da personagem. A princípio, um dos possíveis sentidos da palavra “*bougre*” em francês, seria “cara”.

---

<sup>1</sup>No original: “Il s’invente des problèmes administratifs” (FABRE, F. “Esthète ou fonctionnaire: Des Esseintes et M. Bougran”. In: BRUNEL, P.; GUYAUX, A. (ed.) *L’Herne: Huysmans*. Paris: L’Herne, 2019, p. 97).

Mas há um outro sentido ainda mais condizente com o teor da trama que remete à falta de polidez, à falta de educação ou instrução. Assim, Bougran significa algo comum, ordinário ou, ainda, dentro da lógica do funcionamento da máquina estatal, algo de facilmente descartável ou substituível. Mas, também, pode se associar à ideia de alguém grosseiro, ignaro ou simplório.

Reforça o caráter de insuficiência do protagonista, o motivo de seu desligamento: “que os empregados do Estado poderão ser aposentados, antes da idade, por causa de invalidez moral, inestimável para os versados em arte”.<sup>2</sup> Ou seja, uma visão schilleriana, na medida em que se valoriza o caráter estético como um aprimoramento moral do ser humano, “o móbil mais eficaz de toda a grandeza e excelência do homem, cuja falta nenhuma outra vantagem, por maior que seja, pode substituir”.<sup>3</sup>

Grande ironia: afinal, do ponto de vista burocrático, nada haveria de mais moralmente aceito do que um funcionário que cumprisse com denodo e paciência todas as etapas de sua função repetitiva e desencantada, sem lampejos de criatividade ou ousadia que o contrapusesse aos interesses imanentes do Estado.

Esse estado extremo de cumprimento maquinal de seus deveres não conduz apenas ao “desencantamento do mundo” weberiano, mas sobretudo a um verdadeiro esvaziamento do ser, cuja interioridade passa a deixar de existir, tão logo é solapada da realidade padronizada e burocrática do serviço público: “pelo que substituir agora essas batalhas jurídicas, esses litígios aparentes, esses acordos alegres, esses ruídos felizes; como se desligar de um trabalho que o consumiu até a medula, o possuiu por inteiro, a fundo?”.<sup>4</sup> Se não é possível tê-las, é preciso recriá-las, do contrário, a vida perderia completamente seu sentido.

Ora, estamos na Paris do *fin-de-siècle*. Ninguém melhor que Huysmans vivera intensamente aquela época: os ambientes artísticos, boêmios e dissolutos; a

---

<sup>2</sup>No original: “que les employés de l’État pourront être mis à la retraite, avant l’âge, pour cause d’invalité morale, inappréciable aux hommes de l’art”. HUYSMANS, J.-K. *La retraite de Monsieur Bougran*. Bibliothèque Numérique Romande. 2015. <https://ebooks-bnr.com/> Acesso em 2 set. 2024, p. 03.

<sup>3</sup>SCHILLER, F. *A educação estética do homem*. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2017, p. 54.

<sup>4</sup>No original: “par quoi remplacer désormais ces joutes juridiques, ces apparents litiges, ces gais accords, ces heureuses noises; comment se distraire d’un métier qui vous prenait aux moelles, vous possédait, tout entier, à fond?” (Huysmans, op. cit., p. 8).

*flânerie*, os museus, os salões de arte. Mas Bougran é incapaz de prestar atenção ao seu entorno, melancólico que está com o desligamento de seu trabalho miúdo. Em seu estado de desolamento, ele se embrenha em uma incursão pelo magnífico Louvre, mas não consegue vislumbrar ou se deslumbrar com as grandiosas salas e obras de arte que o museu lhe oferece. Muito pior, não consegue nem sequer compreender a profundidade dos grandes artistas e de suas representações pictóricas. Alheio, ele se interessa pelas sorrateiras conversas dos vigias do museu, pensando nas minúcias de suas funções, em seu tempo de serviço e na sua vindoura aposentadoria.

(...) e ele errara pelos museus –, mas nenhum quadro lhe interessava; ele não conhecia nenhuma tela, nenhum mestre, ambulava lentamente, as mãos atrás das costas, diante dos quadros, ocupando-se dos guardas, cochilando nas banquetas, prevendo a aposentadoria que eles também teriam, na qualidade de empregados do Estado.<sup>5</sup>

Note-se que a mediocridade das funções mais comezinhas não se rende à grandiosidade da obra de arte, num mundo talhado para a produção racional, padronizada e impessoal, típica do ambiente burocrático, como também do próprio ideal capitalista. Excluído de seu ambiente laboral, Bougran é incapaz de romper as cadeias que lhe prendiam à “jaula de aço” da burocracia.

Não, decididamente Bougran não é um esteta. Da estética ele pode ter os desgostos, não os gostos. Os museus o aborrecem porque ele não conhece nenhum pintor e se interessa pela conversação dos guardas, adivinhando sua aposentadoria. Bougran não pode ser outra coisa, senão um *rond-de-cuir*.<sup>6</sup>

<sup>5</sup>No original: “et il échoua dans les musées, – mais aucun tableau ne l’intéressait; il ne connaissait aucune toile, aucun maître, ambulait lentement, les mains derrière le dos, devant les cadres, s’occupant des gardiens, assoupis sur les banquettes, supputant la retraite qu’eux aussi, en leur qualité d’employés de l’État, ils auraient un jour” (Ibidem, p. 13).

<sup>6</sup>*Rond-de-cuir* era o termo utilizado para designar os funcionários e servidores públicos ligados aos serviços burocráticos, em geral. No original: “Non, décidément, Bougran n’est pas esthète. De l’esthète il a peut-être les dégoûts mais non les goûts. Les musées l’ennuient parce qu’il ne connaît aucun peintre et ne s’intéresse qu’aux conversations des gardiens supputant leur retraite. Bougran ne peut être autre chose qu’un rond-de-cuir” (Fabre, op. cit., p. 105).

## **A linguagem**

Aos poucos, Huysmans revela quais são as funções que Bougran exercia em seu *bureau*, quais são os conflitos que o afligiam pelo desligamento precoce de seu trabalho, qual a verdadeira importância de sua posição na engrenagem estatal. Isso porque, havia algo pelo qual seu herói se orgulhava: “Feliz de vasculhar nas ninharias jurídicas, de tentar encaixar sua tese com a ridícula jurisprudência que é manuseada para todos os sentidos”.<sup>7</sup>

Ele detinha um pequeno saber-poder capaz de o distinguir das pessoas comuns. Ele conhecia os códigos, as fórmulas legais que podiam lhe garantir uma posição de supremacia perante a gente miúda. Ele podia manipular o sentido das leis, tornar o justo em injusto, ao seu bel-prazer. Ele possuía o segredo de uma linguagem especial, inacessível, principalmente, aos destinatários do direito.

Mas ele mesmo tinha consciência da ineficácia de seu próprio saber, ou melhor, por sua própria experiência, sabia que não valeria à pena lutar por seus direitos. Ele pensa em recorrer da decisão sobre sua aposentadoria. Mesmo conhecendo os meandros técnicos, logo se dá conta da improbabilidade de êxito, em virtude do tortuoso percurso recursal. “Em um momento de cólera, ele sonha em intentar um recurso perante o Conselho do Estado, então, lúcido, diz a si: eu perderei minha causa e isso me custará caro”.<sup>8</sup>

O apego a tais regras, o apego a tal gramática administrativa, a obsessão pelo manuseio de suas pequenas variações, assaltam sua preocupação, mesmo depois que é compulsoriamente aposentado. Será que as vindouras gerações seriam capazes de preservar tamanha excelência linguística?

Naquele tempo, tudo estava em ordem, as nuances, agora desaparecidas, existiam. Nas cartas administrativas, escrevia-se falando dos peticionários: “Senhor”, para uma pessoa que vinha de uma classe

---

<sup>7</sup>No original: “Heureux de patauger dans les chinoiseries juridiques, de tenter d’assortir à sa thèse les ridicules jurisprudences qu’on manie dans tous les sens” (Huysmans, op. cit., p. 16).

<sup>8</sup>No original: “Il eut un moment de colère, rêva d’intenter un recours devant le Conseil d’État, puis, dégrisé, se dit: je perdrai ma cause et cela me coûtera cher” (Huysmans, op. cit., p. 4).

honorável, “seu” para um homem de menor tipo, “o nomeado” para os artesãos e os condenados.<sup>9</sup>

Afinal, uma das maiores relevâncias de seu desimportante trabalho repetitivo era não tornar repetitivas as palavras de um ofício, de uma circular, de uma ordenação, de uma sentença. “E aquela engenhosidade para variar o vocabulário, para não repetir as mesmas palavras; alternadamente, designávamos o peticionário: ‘o postulante, ‘o suplicante’, ‘o impetrante’, ‘o requerente’”.<sup>10</sup> Somente assim, é possível demonstrar o verdadeiro “amor pela língua, enquanto lhe conduz à busca do clichê perfeito”.<sup>11</sup> A rememoração de tais fórmulas, anteriormente utilizadas pelo herói, incutia-lhe verdadeiro “êxtase administrativo”, nos dizeres de Dostoiévski.

Nesse *métier* quase cifrado, a escala hierárquica deve refletir semanticamente a excelência das autoridades investidas em cada cargo. “O prefeito se tornava, em outra frase, ‘este alto funcionário’; a pessoa cujo nome motivava a carta mudava para ‘este indivíduo’, em ‘o nomeado’, em ‘o supracitado’; falando de si mesma a administração se qualificava ora de ‘central’, ora de ‘superior’”.<sup>12</sup> Mas, quando o sujeito modula seu discurso, tendo em vista o seu destinatário, alternando seu denotativo conforme sua condição social, há relações de poder subliminares que inoculam os próprios enunciados. “Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto

<sup>9</sup>No original: “Dans ce temps-là, tout était à l’avenant, les nuances, maintenant disparues, existaient. Dans les lettres administratives, l’on écrivait en parlant des pétitionnaires: ‘Monsieur’, pour une personne tenant dans la société un rang honorable, ‘le sieur’ pour un homme de moindre marque, ‘le nommé’ pour les artisans et les forçats” (Ibidem, p. 6).

<sup>10</sup>No original: “Et quelle ingéniosité pour varier le vocabulaire, pour ne pas répéter les mêmes mots; on désignait tour à tour le pétitionnaire: ‘le postulant’, ‘le suppliant’, ‘l’impétrant’, ‘le requérant’” (Idem, ibidem).

<sup>11</sup>No original: “un amour de la langue, tout en le conduisant à la recherche du cliché parfait” (Fabre, op. cit., p. 103).

<sup>12</sup>No original: “Le préfet devenait, à un autre membre de phrase, ‘ce haut fonctionnaire’; la personne dont le nom motivait la lettre se changeait en ‘cet individu’, en ‘le prénommé’, en ‘le susnommé’; parlant d’elle-même l’administration se qualifiait tantôt de ‘centrale’ et tantôt de ‘supérieure’” (Huysmans, op. cit., p. 6).

indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder (...) O poder passa através do indivíduo que ele constituiu”.<sup>13</sup>

Mas note-se que essa linguagem se coloca não mais a serviço de suas antigas funções, mas acima delas, em uma magnitude que extrapola o âmbito da própria hierarquia pública, guindando-se ela própria, no topo de sua escala. “Por ser a linguagem uma força social entre os homens, exerce também uma força sobre o pensamento dos indivíduos (...) A sensação tantas vezes trazida em palavras, de ‘eu não penso: algo pensa em mim’ – esta sensação de coação, de força, é completamente justa”.<sup>14</sup>

De um certo modo, a relação estéril que as palavras condutoras dos discursos burocráticos têm com o real e com o próprio direito que, supostamente, buscam albergar, afastam a possibilidade da identificação de um sujeito responsável por um enunciado. Ele foi tragado, absorvido pelas fórmulas e signos discursivos, justamente pela rasura de seu padrão, de sua vocação ao mimético. Não há um descontínuo, uma ruptura; aparentemente, não há nem sequer a possibilidade de rachar as palavras e buscar extrair um significado de algo que se mostre oculto ou implícito.

Uma linguagem anódina que não se estabelece por sua grandiloquência, não encanta por sua poesia, por sua força discursiva ou persuasiva. Afinal, no mundo burocrático, há a predominância dos comandos, dos atos ilocucionários. As palavras não performam, seus significados são estanques, ainda que redundantes e vazios. “A opacidade da linguagem é uma das formas pelas quais os grupos profissionais ganham e defendem seu *status* social”.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup>FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021, pp. 284-5.

<sup>14</sup>No original: “Por ser el lenguaje una fuerza social entre los hombres, ejerce también una fuerza sobre el pensamiento del individuo. (...) La sensación tantas veces traída en palabras, de ‘yo no pienso: algo piensa em mi’ – esta sensación de coacción, de fuerza, es completamente justa” (MAUTHNER, F. *Contribuciones a una crítica del lenguaje*. Barcelona: Herder, 2001, p. 67).

<sup>15</sup>REGO, A; PINA E CUNHA, M.; WOOD JR., T. *Kafka e o estranho mundo da burocracia*. São Paulo: Atlas, 2010, p. 71.

### *Aparência versus essência*

Não apenas a linguagem revela a mentalidade do burocrata, mas seus pensamentos rasos demonstram uma visão completamente decorativa do meio administrativo, um apego mais à forma do que ao próprio conteúdo do direito. Com sua aposentadoria, *Bougran* não se sente saudoso por ter feito justiça ou melhorado a vida das pessoas, mas apenas com as formas protocolares quase automatizadas da vida profissional.

Mais ainda, ele possui uma visão hierárquica do mundo, já que se julgava superior aos funcionários de outros setores públicos. “Ele admitia que havia até mesmo uma hierarquia entre seus congêneres, julgava o servidor do ministério superior ao servidor municipal, assim como ele era, a seus olhos, superior ao funcionário de uma prefeitura”.<sup>16</sup> Com a evolução do mundo, estaria esse tipo humano fadado a se fossilizar? Ou, malgrado a realidade digital, a uberização e o informalismo das relações laborais, ainda há um espaço para a hierarquização? De que tipo?

Uma concepção de justiça completamente apartada de sua própria essência, mas apenas ancorada em sua aparência: uma justiça incapaz de servir ao outro, de se reconhecer no outro. Uma concepção de direito que se apega ao seu caráter meramente instrumental e protocolar, sem se preocupar com a transformação social ou simplesmente socorrer o próximo. Um serviço que se basta por aquilo que tem de decorativo e cerimonioso, ainda que sem grandes apelos ao suntuoso. Basta à justiça ser repetitiva, previsível, impessoal e ritualística. Uma justiça presa na exterioridade, incapaz de acessar a própria interioridade, em busca de um conceito superior ou inferior de justiça. “Visto de longe, o ministério lhe aparecia como um lugar de delícias. Ele já não se lembrava das iniquidades sofridas, seu subchefe derrubado por um desconhecido ingressado em seguida a um ministro, o tédio de um trabalho mecânico, forçado”.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup>No original: “Il admettait même des hiérarchies parmi ses congénères, jugeait l’employé d’un ministère supérieur à l’employé d’une préfecture, de même que celui-ci était, à ses yeux, d’un rang plus élevé que le commis employé dans une mairie” (Huysmans, op. cit., p. 14).

<sup>17</sup>No original: “Vu de loin, le ministère lui apparaissait tel qu’un lieu de délices. Il ne se rappelait plus les iniquités subies, son sous-chefat dérobé par un inconnu entré à la suite d’un ministre, l’ennui d’un travail mécanique, forcé” (Ibidem, p. 13).



Por outro lado, apenas o trabalho é capaz de instrumentalizar sua luta por reconhecimento, “pela transição dos conceitos de honra às categorias da ‘reputação’ ou ‘prestígio social’ ”.<sup>18</sup> As outras esferas – o amor, a família, paradoxalmente, o próprio direito – acabam sendo praticamente nulificadas. Ele não tinha relações afetivas, não frequentava círculos sociais; ele não tinha outros interesses, tragado que estava no vórtice da rede burocrática de seus pares, embevecido pelo fascínio quase sagrado exercido por seus superiores. “Todas as cabeças se inclinavam diante de sua passagem. Os servidores podiam acreditar que a importância deste homem irradiava sobre eles e eles se descobriam, por si mesmos, mais estima”.<sup>19</sup>

Quando se fala da influência de Schopenhauer em Huysmans, costuma-se associá-la à questão do tédio.<sup>20</sup> Afinal, o último aponta em seu romance *En route* sua paixão por Schopenhauer, em virtude do *spleen*. Mas, aqui, no *La retraite...*, a relação com Schopenhauer, também existente, parece ser outra: é a dicotomia da aparência *versus* essência.

Bougran está preso às aparências: à aparência de seu cargo, à aparência do vocabulário burocrático, estéril, sem profundidade, sem preocupação com as questões fundamentais com as quais deveria se preocupar.

Isso o torna incapaz de enxergar a realidade tal como ela é. Ele é incapaz de dissolver a visão altaneira e superficial que possui do mundo. É incapaz de se tornar mero sujeito de conhecimento quando colocado frente a frente a uma obra de arte. Enfim, sua mente limitada, viciada pelo acervo de seu pequeno mundo burocrático – dos escaninhos e das pequenas honrarias –, o torna incapaz de descerrar a “miragem vazia” do “véu de *māyā*”<sup>21</sup> que envolve a realidade e se deter à verdadeira essência das coisas.

E, como escravo das aparências, senhor das capciosas fórmulas de gabinete, mas incapaz de decifrar os códigos do mundo ordinário dos seres humanos, ele é

---

<sup>18</sup>HONETH, A. *Luta por reconhecimento*. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: 34, 2017, p. 201.

<sup>19</sup> “Toutes les têtes s’inclinaient sur son passage. Les employés pouvaient croire que l’importance de cet homme rejaillissait sur eux et ils se découvraient, pour eux-mêmes, plus d’estime” (Huysmans, op. cit., p. 6).

<sup>20</sup>cf. ROGER, A. “Schopenhauer, Huysmans et Zola”. In: *L’Herne: Schopenhauer*. Paris: Éditions de L’Herne, 1997, pp. 346-352.

<sup>21</sup>SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015, p. 328.

obrigado a fingir para sobreviver. Ele é obrigado a se esconder na própria aparência do que foi, de um mundo que não mais lhe pertence, para seguir seus dias. Mas isso, o conduzirá à autodestruição. Porque, em última instância, o mundo se torna sem sentido, pendular entre “a dor e o tédio”.<sup>22</sup>

### A fuga pela heterotopia

Daí surge a necessidade da criação de uma heterotopia, muito mais que uma utopia. Não basta almejar um retorno ao passado biográfico ou a um período histórico superior – tão caro aos decadentistas como Huysmans –, fechar os olhos e lembrar. Não há mais um “sonhar acordado”, diante da impossibilidade de uma utopia concreta.

Para que haja, verdadeiramente, acesso ao seu mundo ideal, há a necessidade de contato com a exterioridade, porque o interior foi estiolado pelo pragmatismo e pelas fórmulas vazias. É preciso a criação de um ambiente que se revista de todas as características palpáveis da realidade perdida.

Mas não só: há necessidade de que este ambiente exista em um lugar determinado da cartografia, ainda que revestido com os atributos afetivos necessários a garantir acesso à fantasia e ao mundo idealizado, agora perdido.

O escritório é sua vida como verdadeira heterotopia. A relação afetiva que ele tinha com o trabalho acabou gerando a necessidade de ele criar um mundo artificial que imitasse o mundo do qual fora alijado. São outros (*heteros*) lugares (*topos*), as heterotopias, lugares que existem na cartografia de determinado país, de determinada cidade, vila, bairro, mas que conservam uma personalidade destacada, em virtude de sua funcionalidade, das relações humanas que são encerradas nos seus limites e na relação afetiva que cada qual estabelece com aquele lugar, “utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa”.<sup>23</sup>

Bougran tinha um ideal burocrático, quase como os tipos racionais de Weber, não apenas para a realização de suas tarefas cotidianas, norteadas por regras

---

<sup>22</sup>Ibidem, p. 361.

<sup>23</sup>FOUCAULT, M. *As heterotopias*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1, 2021, p. 19.

próprias. Mas ele tinha uma imagem muito definida a respeito do ambiente em que deveria desempenhar tais misteres. Quando acometido por um arroubo de nostalgia, acaba visitando sua antiga repartição, sente-se imensamente incomodado com as mudanças que foram operadas em seu sagrado escritório. “Uma cólera lhe acomete contra este sucessor porque ele havia mudado o aspecto deste cômodo que ele amava, mudado o escritório, colocado as poltronas em um outro canto, colocando as caixas umas nas outras; o tinteiro à esquerda agora e o estojo à direita”.<sup>24</sup> Ele não era tão especial assim, não deixou seu legado em seu precioso local de trabalho; tão logo foi desligado, apoderaram-se de seu pequeno espaço, realocando sua mobília e seus utensílios.

Assim, tornava-se necessário recriar o seu mundo tal como ele era antes, sem o qual seria incapaz de sobreviver. Para tanto, em primeiro lugar, agora com o olhar detalhista de um esteta, era necessário reconstruir em cada detalhe, a disposição espacial, seus artefatos, seus ornamentos, ainda que não houvesse um comprometimento próprio com a arte, mas apenas uma simbologia precisa, quase mimética, daquilo que lhe fora roubado.

(...) em seu escritório, ele colocara, em uma ordem metódica, toda a série de seus porta-canetas e de seus lápis; porta-caneta em forma de bastão de cortiça; porta-caneta de cobre encaixado em bastão de jacarandá, cheirando bem quando acalcados; lápis negros, azuis, vermelhos, para as anotações e referências. Então, ele dispôs, como antes, um tinteiro em porcelana com esponjas, à direita de um bloco de notas, e um pote repleto de serragem à sua esquerda; em frente, uma caixa contendo sobre sua capa de veludo verde, adornado com alfinetes, lacres de selo e carretel de barbante rosa.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup>No original: “Une colère le prit contre ce successeur parce qu’il avait changé l’aspect de cette pièce qu’il aimait, déplacé le bureau, poussé les chaises dans un autre coin, mis les cartons dans d’autres cases; l’encrier était à gauche maintenant et le plumier à droite!” (Huysmans, op. cit., p. 14).

<sup>25</sup>No original: “Sur son bureau, il rangea, dans un ordre méthodique, toute la série de ses porte-plume et de ses crayons, porte-plume en forme de massue, en liège, porte-plume à cuirasses de cuivre emmanchés dans un bâton de palissandre, sentant bon quand on le mâche, crayons noirs, bleus, rouges, pour les annotations et les renvois. Puis il disposa, comme jadis, un encrier

Mas era preciso ir um pouco além, na sala alugada para encarnar seu antigo escritório e realizar as tarefas de outrora, agora fictícias, era necessário que ele tivesse à sua disposição não só os instrumentos típicos de um burocrata – que se assemelham ao do escritor -, mas sobretudo os códigos e compêndios que lhe garantissem a legitimação de sua linguagem tecnocrata, que representavam o único saber-poder especial que ele poderia exercer sobre os cidadãos comuns.

Por todo lado, pastas de papel pardo; em cima dos armários, os livros necessários: o Dicionário Administrativo de Bloch, os códigos das leis vigentes, o Béquet, o Blanche; ele estava, sem ter saído de seu lugar, retornado diante de seu antigo escritório, em sua antiga repartição.<sup>26</sup>

Mas a heterotopia que poderia funcionar como uma vazão estética de um mundo monotonizado não consegue se libertar de sua carga axiológica, limitando os próprios limites do sonho, do devaneio e do lúdico. Até mesmo a possibilidade de utopia está jungida ao arquétipo da burocracia que, criada para padronizar as regras do mundo concreto, acaba ditando as regras do mundo imaginário. Nesse sentido, o acervo burocrático orienta até mesmo seu “vir-a-ser” existencial.

A ausência de sentido e a percepção da farsa que criou para sua própria sobrevivência acabou levando-o à própria morte por apoplexia. No momento em que ele deixou de se sentir importante, por participar da engrenagem de uma máquina cujo funcionamento nem ele mesmo sabia até onde o levaria, a vida perdeu completamente o sentido. Mas as últimas linhas do requerimento imaginário que redigia deixam claro não apenas a inoperância de suas funções, mas sobretudo a impossibilidade de se alcançar a justiça, em todos os níveis:

---

en porcelaine, cerclé d'éponges, à la droite de son sous-main, une sébille remplie de sciure de bois à sa gauche; en face, une grimace contenant sous son couvercle de velours vert, hérissé d'épingles, des pains à cacheter et de la ficelle rose” (Ibidem, p. 15).

<sup>26</sup>No original: “Des dossiers de papier jaunâtre un peu partout; au-dessus des casiers, les livres nécessaires: le Dictionnaire d'administration de Bloch, le Code et les Lois usuelles, le Béquet, le Blanche; il se trouvait, sans avoir bougé de place, revenu devant son ancien bureau, dans son ancienne pièce” (Idem, ibidem).

“Por estes motivos, eu não posso, Senhor Presidente, senão emitir um parecer desfavorável sobre o seguimento do recurso formulado pelo Senhor de tal”.<sup>27</sup>

## **Huysmans e Kafka: a questão da burocracia**

Kafka e Huysmans foram burocratas exemplares em suas funções, em seus respectivos ofícios, na engrenagem do aparelho no qual estavam inseridos. O primeiro, funcionário de uma companhia estatal de seguros; o segundo, servidor de terceiro escalão do Ministério das Relações Interiores. Kafka apenas foi afastado de seu trabalho em virtude dos problemas de saúde que o conduziram à morte; Huysmans aposentou-se, com certo destaque, depois de longo período de dedicação, tendo tempo de se concentrar apenas na literatura e se converter ao oblato, ao fim de sua vida. Ambos detestavam a atividade burocrática e lançavam mão da escrita como válvula de escape à monotonia de seus ofícios.

Huysmans não consagra grande parte de sua obra à questão da burocracia, o que torna o *La retrâite...* uma produção única, dentro do mosaico de seu acervo criativo. Já para Kafka, a burocracia permeia suas novelas, contos e romances. Enquanto em sua novela, Huysmans escancara o lado alienante, maçante e ridículo da burocracia, em sua obra, Kafka explora mais o seu caráter destrutivo, aterrador e opressivo.

No que se refere aos códigos decifráveis apenas por especialistas, típicos das burocracias modernas, ambos oferecem visões distintas do mesmo problema. Bougran morre porque é alijado do universo destes códigos que lhe conferiam importância e autoestima, ainda que de forma coadjuvante. Kafka mostra o lado do destinatário dos enunciados, daqueles que não conseguem acessar o significado dos dispositivos: em *O processo*, K é condenado justamente por não conhecer esses códigos; em *O castelo*, o segredo e o sigilo das regras são garantidos pelas pessoas que trabalham noturna e sorrateiramente para a elaboração normativa.

Huysmans aprecia as heterotopias: seja a burocrática de Bougran, o sofisticado ambiente habitado por Jean des Esseintes, em *À rebours*, ou a heterotopia místico-religiosa imaginada por Durtal, na trilogia da conversão (*En route*, *La cathedral* e

---

<sup>27</sup>No original: “Pour ces motifs, je ne puis, Monsieur le Président, qu’émettre un avis défavorable sur la suite à donner au recours formé par M. un tel” (Ibidem, p. 24).

*L'oblat*). Assim, a heterotopia consiste em verdadeira alternativa “aos estímulos do mundo exterior e ao mesmo tempo recusa deste mundo, retraído em si. Des Esseintes é um apaixonado de obras de arte e de experiências curiosas. Bougran não é menos apaixonado. Sua paixão é seu *métier* de redator e tudo que a ele se relaciona”.<sup>28</sup>

Em Kafka, há a predominância de utopias negativas ou distopias que massacram o ser humano atirado em um mundo caótico de regras não escritas, não erigidas, mas aplicáveis desordenadamente por centros obscuros de poder, com o simples propósito de anular ou simplesmente enlouquecer seu destinatário. Mas, ainda, há lugar para as heterotopias, como os circuitos labirínticos dos cartórios, como a catedral ou mesmo o castelo. Há uma precisão espacial em que pessoas são interligadas por diferentes relações de afeto com um lugar delimitado e preciso, diferentemente cingidas pelo modo como a justiça, o direito ou, simplesmente, o destino atinge e opera nessas pessoas.

Enquanto em Kafka há uma inevitabilidade ao contato com a distopia ou com sua utopia negativa que se impõe de forma aterradora e onisciente – quase como um cataclisma –, a heterotopia de Bougran já se afeiçoou à sua própria existência, de forma que não pode mais ser extirpada. E, quando ela é criada, ela atrai seu criador para seu vórtice, aniquilando-o pela (des)esperança, ainda que alegoricamente.

De qualquer forma, tanto na obra de Kafka como em *La retraite...*, há índices de uma literatura menor, valendo-se dos termos de Deleuze e Guattari: “a desterritorialização da língua”, uma vez que idiomas potentes como o alemão e o francês podem ser manuseados para exprimir uma realidade particularizada e minoritária; “a ligação do individual no imediato-político”, na medida em que “cada caso particular seja imediatamente ligado à política”; “o agenciamento coletivo da enunciação”, consubstanciado no desejo de “forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra realidade”.<sup>29</sup>

<sup>28</sup>No original: “aux stimulations du monde extérieur et en même temps refus de ce monde, repli sur soi. Des Esseintes est un passionné d'oeuvres d'art et d'expériences curieuses. Bougran n'est pas moins passionné d'oeuvres d'art et d'expériences curieuses. Sa passion, c'est son métier de rédacteur et tout ce qui s'y relie” (Fabre, op. cit., p. 99).

<sup>29</sup>DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. São Paulo: Autêntica, 2023, pp. 37-39.

Ora, o primeiro índice se cumpre pela utilização de uma linguagem própria, descolada da usual, ainda que se valendo de uma “transmissão burocrática” para exprimir determinada realidade social; o segundo, porque ambos os escritores, a partir de situações particularizadas, valem-se de sua escrita contra uma realidade política totalizante; por fim, seja a partir das heterotopias ou das utopias negativas, há a possibilidade de mobilizar uma reflexão inusitada acerca do real.

## **Conclusão**

O que ainda nos pode dizer a burocracia de Monsieur Bougran? Que tipo de estetização de burocracia seria possível hoje, na era do *home office* e das salas de encontros digitais? As relações de saber-poder especializaram-se ainda mais em códigos indecifráveis, inacessíveis aos que estão de fora, ainda que exista uma padronização, completamente diferente daquela da transição do século XIX para o XX, que é a globalização.

As leis também se alteram e se multiplicam: o que ontem é lícito, hoje, é ilícito e vice-versa; sem respeito aos direitos adquiridos e a situações consolidadas. A justiça conserva o matiz surpreendente da alegoria huysmaniana, mas mantém algo de aterrador kafkiano. Mas, convenhamos, diante do quadro de reformas previdenciárias do Brasil e da própria França, não seria nada mal aposentar-se aos 50 anos de idade?

No que toca ao fundo das questões suscitadas pela novela, em primeiro lugar, estão o relevo e o destaque que determinada posição ainda pode conferir àquele que nela está investido. No caso de Bougran, a detenção de um pseudo-saber, traduzido em fórmulas linguísticas, conferiam-lhe uma honorabilidade que lhe garantia uma posição de primazia social. Assim, sua própria inutilidade social não é apenas escancarada após sua aposentadoria, mas acaba ressonando na própria inutilidade funcional meramente decorativa de seu cargo público, suficiente para preencher de sentido uma pequena vida mesquinha.

Dentro do universo burocrático há a hiperdimensão do eu, na medida em que as habilidades funcionais são superestimadas. Ainda que ele fosse um funcionário subalterno, ainda que ele pudesse ser facilmente descartado por um superior, mesmo assim estava preso ao apego de sua posição, de sua superioridade perante os funcionários de outros departamentos e outros ministérios. Se é assim, como

seria a sua relação com seus subalternos? De imposição, autoritarismo? E com relação aos superiores? Pusilanimidade? Subserviência? Algo que não é revelado, mas possível de ser inferido pelo próprio comportamento de Bougran, por suas reflexões e por suas relações interpessoais.

Curioso que, o próprio escritor, sempre acostumado a se valer de duplos, para ficcionar aquilo que vivia no real, também foi um funcionário público.

À imagem de seu autor, a personagem de Huysmans é constituída, ao menos virtualmente, de três homens distintos que se confundem: o pequeno funcionário, o escritor e o esteta – três homens que formam uma espécie de hierarquia.<sup>30</sup>

Como os colegas de Huysmans o enxergavam? Apenas aquele funcionário correto, sem maiores anseios em sua vida? Embora desfrutasse de certa notoriedade por seus escritos, com qual seriedade era considerado por seus “superiores”?

De um certo modo, essa percepção da autoridade decorrente de relações hierárquicas é alegorizada em *A metamorfose*, quando Gregor, já transformado em barata, observa seu pai com o casaco de oficial puído e carcomido pelo tempo e pelo desleixo típico das divisões decadentes. Ainda que seja patente a degradação da posição da autoridade, nos limites mesmo do ridículo, ela ainda é capaz de aterrorizar, de ofender; em última instância, de suprimir o outro. Bougran, com certeza, é tão decadente como o pai de Samsa: beija a mão de seus superiores e pisa em quem está embaixo da escala hierárquica. Mas esse pequeno poder é o suficiente para que ele não queira abrir mão de seu exercício, ainda que isso lhe custe a própria vida. Aqui, valho-me dos comentários de Deleuze e Guattari sobre o foguista de Kafka: “O mecânico é uma parte da máquina, não somente enquanto mecânico, mas no momento em que ele cessa de sê-lo”.<sup>31</sup>

O grande paradoxo: a burocracia que é algo criado para, em tese, racionalizar e padronizar comportamentos, deitando-os na realidade, serve como móvel inspirador para a criação de uma heterotopia; em última instância, em uma realidade

---

<sup>30</sup>No original: “À la image de son auteur, le personnage de Huysmans est constitué, virtuellement au moins, de trois hommes distincts et confondus: le petit fonctionnaire, l'écrivain et l'esthète – trois hommes qui forment une espèce de hiérarchie” (Fabre, op. cit., p. 101).

<sup>31</sup>Deleuze; Guattari, op. cit., pp. 147-148.



imaginária. No caso de Huymans, tão atento aos ornamentos, é preciso recriar com minúcias, todo um universo burocrático próprio, com seus tomos, seus artefatos, sua desorganização meticulosa, com tarefas inúteis, tão inúteis quanto aquelas de sua função real. A estética como salvaguarda daquilo que a realidade tirou de mais essencial a um ser desesperado, de quem foi retirado tudo o que detinha em sua pobre vida. Nesse sentido, Bougran “não é um esteta, mas o texto sugere que ele merecia sê-lo, que ele teria sido se tivesse a chance de nascer em um meio diferente”.<sup>32</sup> Do contrário, seria incapaz de criar sua própria heterotopia.

Kafka vale-se dessa mesma propensão que cerca de irrealidade o real, que cria uma distorção a partir da concretude que viria para auxiliar a regularidade dos comportamentos e das relações, só que de modo diverso: pelo viés da utopia negativa ou até mesmo da distopia.

Todos sucumbem ao mundo burocrático. Kafka, de um certo modo, conforma-se com o veredicto: seja pela execução de K, seja pela implacável máquina-morte da colônia penal, seja pela deformação da metamorfose. Bougran procura uma válvula de escape – a heterotopia – que apenas adia o seu fim trágico, mas que permite uma sobrevida de esperança, ainda que irreal.

Não é uma realidade labiríntica imposta pela lógica da racionalidade e do “desencantamento” do mundo, mas a possibilidade de criação de “lugares que se opõem a todos os outros, destinados de um certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como *contraespaços*”.<sup>33</sup> O escritório de Bougran se opõe ao escritório do Ministério da Justiça, porque ele é disfuncional, mas de um certo modo, ao mimetizá-lo, acaba por reavivá-lo, sacralizá-lo e purificá-lo.

Visões estéticas distintas de fenômenos tão concretos e reais, como a lei, o direito e a burocracia. Afinal, se as personagens de Kafka aceitam seu destino, se elas não questionam a injustiça que lhes é impingida, por trás da heterotopia de Huysmans está subtendido um questionamento, uma pequena centelha de resistência ao sistema vigente. Porque a distopia, tão presente em Kafka, representa

---

<sup>32</sup>No original: “Il n’est pas esthète mais le texte suggère qu’il méritait de l’être, qu’il l’aurait été s’il avait eu la chance de naître dans un milieu différent” (Fabre, op. cit., p. 103).

<sup>33</sup>Foucault, *As heterotopias*, op. cit., p. 19.

o desespero e a aniquilação; a heterotopia, a esperança, uma nova possibilidade. Distintos agenciamentos propostos numa elevada literatura menor.<sup>34</sup>

Vale finalizar com uma reflexão: o quanto a novela tem a nos dizer sobre nossa realidade atual? Uma aparência de justiça apegada mais à forma do que ao conteúdo. Um linguajar de especialistas que manipula a verdade, sem preocupação com a inteligibilidade, algo de kafkiano. Um arsenal de regras que forja a realidade, de acordo com seu próprio agenciamento: tudo é político. Tudo faz parte de uma engrenagem, onde as pessoas, os direitos, em última instância, suas próprias vidas são descartáveis. Tudo pode se transformar em nada, a realidade em quimera. Os códigos são produzidos nos desvãos dos castelos e os escritórios se tornam meras heterotopias de faz-de-contas. Não importa o que seja feito ou produzido, mecanicamente, pelas vidas médias. No final das contas, todos são ou se tornam “*bougres*”.

A justiça tem a voz neutra, opaca e enfadonha. Mas é ela que sela os destinos miúdos que não têm a quem, onde recorrer. O que fazer? Encarar com naturalidade o cinismo dos enunciados implacáveis, irrecorríveis e imutáveis? Ou se submeter? Ou se resignar? Ou forjar uma nova realidade? No limite, os gênios de Kafka e Huysmans ensinam que o paroxismo apenas pode ser arrefecido pela sua própria estetização.

## Referências

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. São Paulo: Autêntica, 2023.
- FABRE, Frantz. “Esthète ou fonctionnaire: Des Esseintes et M. Bougran”. In: BRUNEL, Pierre; GUYAUX, André (ed.). *L’Herne: Huysmans*. Paris: L’Herne, 2019, pp. 97-108.
- FOUCAULT, Michel. *As heterotopias*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1, 2021.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

---

<sup>34</sup>Curiosamente, assim como boa parte da obra de Kafka, a novela *La retraite de Monsieur Bougran* foi salva da fogueira, pelo responsável pela curadoria da obra de Huysmans, contrariando o desejo do autor.

- HONETH, Axel. *Luta por reconhecimento*. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: 34, 2017.
- HUYSMANS, Joris-Karl. *La retraite de Monsieur Bougran*. Bibliothèque Numérique Romande. 2015. <https://ebooks-bnr.com/> Acesso em 2 set. 2024.
- MAUTHNER, Fritz. *Contribuciones a una critica del lenguaje*. Tradução de José Moreno Villa. Barcelona: Herder, 2001.
- REGO, Armínio; PINA e CUNHA, Miguel; WOOD JR., Thomas. *Kafka e o estranho mundo da burocracia*. São Paulo: Atlas, 2010.
- ROGER, Alain. “Schopenhauer, Huysmans et Zola”. In: *L’Herne: Schopenhauer*. Paris: Éditions de L’Herne, 1997, pp. 346-352.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2017.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015.

**RESUMO:** O presente ensaio analisa a pequena novela *La retraite de Monsieur Bougran*, como a única manifestação artística cujo objeto refere-se explicitamente ao tema da vida burocrática, na obra do escritor J.-K. Huysmans. Nessa obra, pretendemos analisar as visões estéticas da burocracia, principalmente no que se refere à questão da linguagem, da influência de Schopenhauer em relação à aparência versus essência, mas, sobretudo, ao conteúdo estético que pode ser extraído de sua análise. Para isso, é necessário mobilizar conceitos como o da própria educação estética do homem e, principalmente, de heterotopia. Com isso, será possível cotizar o conteúdo estético de *La retraite...* com o espectro burocrático inserido na obra de Kafka, naquilo que se pode considerar como uma literatura menor, conforme proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

**PALAVRAS-CHAVE:** Burocracia; Linguagem; Estética; Heterotopia; Literatura.

**ABSTRACT:** This essay analyzes the short novel *La retraite de Monsieur Bougran* as the only artistic manifestation whose object explicitly refers to the theme of bureaucratic life, in the work of the writer J.-K. Huysmans. In this work, we intend to analyze the aesthetic views of bureaucracy, mainly regarding the issue of language, Schopenhauer influence regarding appearance versus essence, but mainly the aesthetic content that can be extracted from his analysis. To do so, it is necessary to mobilize concepts such as the aesthetic education of man and, mainly, heterotopia. So, it will be possible to understand the aesthetic content of *La retraite...* with the bureaucratic spectrum inserted in Kafka's work, in what can be considered as a minor literature, as proposed by Gilles Deleuze and Félix Guattari.

**KEYWORDS:** Bureaucracy; Language; Aesthetics; Heterotopia; Literature.